

*As obras da UTI do Hospital de Base foram iniciadas no ano passado mais estão paradas há vários meses por falta de verba*

# Relatório mostra a falência do sistema de saúde pública do DF

25 MAI 1986

«Nenhum dos centros de saúde ou hospitais da Fundação Hospitalar do Distrito Federal reúne as condições necessárias para o atendimento à população. As péssimas instalações, falta de remédios e de material, além da escassez de recursos humanos, faz com que os médicos, agora respaldados legalmente pela resolução do Conselho Regional de Medicina, se neguem a continuar enganando a população».

A afirmação é do presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva e Saraiva, que encaminhou na semana passada à Secretaria de Saúde um relatório preparado por todas as regionais denunciando as condições absurdas a que estavam obrigados a trabalhar até hoje. Segundo Saraiva, na greve do ano passado, quando os médicos ficaram 25 dias paralisados, a categoria exigiu além das melhorias salariais a garantia de que as mudanças das condições de trabalho seriam promovidas. «Conquistamos os 40% de reposição, mas nada mudou na fundação para melhorar o atendimento à população», acentuou.

De acordo com o presidente do Sindicato dos Médicos, por quase um ano a população foi enganada e não recebeu o atendimento que merecia. «Nada podíamos fazer porque as nossas denúncias não foram ouvidas pelo governo». Agora — declarou Saraiva — será diferente pois não retornaremos ao trabalho. A resolução do CRM, aprovada em assembleia esta semana nos garante o direito de nos resguardar contra os prejuízos que porventura venham a ocorrer», acrescentou.

Do relatório final, encaminhado à SES, ao Ministério da Previdência Social e ao Congresso Nacional, constam as falhas da rede hospitalar e as soluções para os principais problemas. Os profissionais da Fundação estabeleceram as prioridades para que a alocação dos recursos disponíveis na Secretaria de Saúde seja feita de forma a lhes garantir melhorias imediatas.

O relatório aponta como uma das situações mais drásticas em toda a rede, a morosidade das obras e reformas de instalações tanto no Hospital de Base quanto nas regionais, entre as quais, a do Gama onde está sendo recuperado o sistema de esgotos. No Hospital de Base os médicos exigem a retomada imediata das obras da UTI, no quarto andar do Pronto-Socorro. Estas obras foram iniciadas no ano passado e por falta de verba está paralisada há vários meses. Durante todo esse tempo apenas a derrubada das paredes que dividiam os apartamentos e enfermarias foi feita, transformando o andar em um imenso salão. De acordo com Acyr Magalhães, chefe da UTI, as instalações do andar inferior são precárias e não comportam todos os pacientes.

Ainda no Hospital de Base outro grave problema preocupa os

médicos. As caldeiras instaladas em área central cobrem diariamente os móveis, janelas e instalações do Pronto-Socorro, com uma camada de fuligem. De acordo com um guarda, de plantão ontem à tarde, no portão lateral do hospital, «ás vezes, é preciso ficar horas dentro da guarita por causa da fumaça. A poluição é tanta que assusta até os pacientes menos avisados», garantiu.

O restaurante destinado às refeições dos funcionários da limpeza, copa e serviços auxiliares — o restaurante B — atende em condições inadequadas, fazendo com que os funcionários comam às pressas, pela falta de ventilação que transforma o local em uma verdadeira sauna. «Quando a comida está quente» — salientou uma das copeiras — «a gente não consegue engolir direito».

Mas os outros hospitais do Plano Piloto também são deficientes. De acordo ainda com o relatório, o Hospital Regional da Asa Norte — HRAN não passa de um hospital bonito e luxuoso que não funciona por inteiro. «Não dispõe de pessoal suficiente e de material permanente e de consumo, tornando-se parcialmente ativado». O HRAN foi projetado sem prever a existência de um Pronto-Socorro, o que fez — segundo o relatório — com que ele funcione em instalações sem espaço e ventilação suficientes.

Em todos os hospitais das cidades-satélites — a exemplo do que ocorre no Plano Piloto —, os profissionais trabalham sem material necessário. No Hospital de Planaltina além da falta de equipamento e material imprescindíveis ao exercício das atividades profissionais do setor, não há sequer um hematologista para os exames de sangue. O berçário daquela unidade também não tem ventilação e o quadro de pessoal é deficiente.

Na regional da Ceilândia que atende a maior população e uma das mais carentes do Distrito Federal, a emergência não conta com otoscópio ou aparelho de gasometria. O único aparelho de Raios-X não está funcionando para aquela população.

Os Centros de Saúde — observa a categoria — passam por uma deficiência extrema e crônica de recursos materiais, e de materiais de consumo que vai desde a falta de macas, estetoscópios, termômetros, balanças e cadeiras, até a de material de esterilização e higienização. Ali a manutenção de materiais não é feita o que dificulta o trabalho de médicos e paramédicos. O despreparo do pessoal da limpeza também é gritante — aponta o relatório.

Basicamente, as exigências dos profissionais da área é com relação a manutenção do estoque de medicamentos nas unidades, reposição de material de consumo, reforço de material instrumental e reformas das instalações.